

## SILVEIRA FERNANDES

## UM POETA NOSSO

Por Celestino David

Poeta e escritor

A tristeza indefinida de quem pensa e caminha longe, no campo das recordações, trouxe agora para mim, claro e vivo, o dia afastado em que, nesta casa, frente a frente, vi e ouvi Silveira Fernandes, o moço talentoso que a Morie havia de reoubar, tão cedo, ao carinho dos seus e à notável obra literária que, consagrando-o, honraria a sua pátria pequenina: o torrão sagrado do seu Alentejo bendito.

Vio e escutei-o aqui mesmo, no meu retirado cantinho e, se da sua imagem viva e insinuante, conservo na retina, que as fixas, as linhas doces e correctas, guardo ao mesmo tempo, nos ouvidos, que a conservou, a memória dos ritmos da voz com que me transmitiu, entusiasmado, os pensamentos e anseios que possuía.

Pela mão dum velho amigo, Silveira Fernandes vinha trazer ao mais humilde de seus camaradas — a idade inculca de muitos os mais modestos trabalhadores, — as primicias do seu talento a desabrochar, e concedia-me, para que as lêsse e admirasse, as inúmeras produções que, revelando o estruturalmente um artista, eram o prenúncio, sem dúvida, das que a cultura e o tempo fructificariam em obra mais segura e de maior perfeição.

Versos, muitos versos, lídicos os versos — escritos, como éle me diz, ao sabor duma inspiração indomável, de fecunda improvisação que o entostecia, — convidavam os mimos apreciáveis que vinha trazer-me para que eu os saboreasse e até os visse a iniciação do artista que, em novelas, contos, romances e crónicas, havia de mostrar dal a pouco melhores e mais altas afirmações dos seus méritos em floreação.

Queria publicar tudo imediatamente — confesso-me, — como se o tomasse a impressão de que não havia tempo a perder e era preciso que o conhecessem quanto antes em todo o seu valor. O belo moço, o rapaz in-

sinuante, presentindo que a sua vida seria breve, profunda, na sua curta duração, marcar a sua individualidade, para assim erguer o pedestal de glória a que lhe dava direito incontestável o seu alto e bom formoso espírito.

Mas eu que o ouvi atento e soanhava para a sua mocidade esplêndida uma produtiva e larga existência, um caminho gloriozo de honras e triunfos, lago que os seus recursos intellectuaes se afirmassem em todo o seu poder, — o poeta tinha sensibili-

a animava, estivesse esperando ainda a forma impecável que o emoldurasse.

Porque lhe quis falar com inteira verdade e sem liçãoja — seria criminoso mentir a uma alma límpida de criança — deixei-lhe entover o nome que disfrutaria se visasse a dar-se ao trabalho de cultivar as letras sem a preocupação de quem segura e quer esgotar, dum trago, uma grande taça de champagne, e antes com o vagar e a delicia de quem a bebe e saboreia gota a gota.

Sem intenção lisonjeira, repito, com a sinceridade honesta de quem não engana, destaquei o trigo do joio na semente que me vinha mostrar e, ao despedir-me d'ele, com amizade e admiração, não escondi o desejo bem íntimo de que o destino o aclamasse vencedor na pugna que ia travar e onde, se há grandes prazeres, feitas amarguras por vezes se encontram.

Os successos meses — pequena distancia, sem dúvida, lembro-me bem — que distam d'esse dia aquelle em que Silveira Fernandes veio trazer-me o «Jardim em flor», o seu livro ríçico e fresco dos quinze anos, dão-me a certeza de que os meus conselhos eram desnecessários. Esse trabalho pequenino, tão perfumado, dama tão cativante ingenuidade,

apareceu pouco tempo após o nosso encontro, diz-me que o seu autor não precisa esperar, e que os seus versos, mais cuidados do que os seus, que eu lera, o revelavam já senhor daquela forma que lhe dissera ser necessária à sua inspiração fogosa e brilhante.

Deu-se isto em 1923, quando Silveira Fernandes era ainda um estudante do liceu de Évora. Em 1924 a 1925 matriculou-se na Universidade de Coimbra, no 1.º ano da faculdade de Direito, para, no ano seguinte, vir a matricular-se no 2.º ano de Direito e no 1.º da faculdade de Letras. E então, na cidade universitária, na



Silveira Fernandes

dade, talento e vocação, — limitei-me a felicitá-lo e a pedir-lhe que em vez de publicar em livro os versos que me trazia, os confiasse antes aos jornais ou revistas, a fim de que o público — o grande critico — os lêsse e os seleccionasse.

Então lhe fui contando o que me ensinara Trindade Coelho, o mestre contista de «Os meus amores», nas lhas que traçara a propósito do meu primeiro livro, nos meus longínquos tempos de Coimbra, e lhe confessei como seria bom, para o seu futuro, ir lizando e polindo uma obra que lhe assegurei ser bela, muito embora o pensamento elevado que

terra das tricanas e dos poetas, escreve os livros: «A morte da grande Impéria», «Canções das aulas perdidas», «As novelas do quintanista Macário», «Sonhos da tarde» e «Campos de fé» onde o poeta e o artista aparecem mais senhoras de si, a afirmarem qualidades que se desconheciam.

«Sonhos da tarde», «Campos de fé» e «Mirante» — este o seu último livro — que li recentemente, não constituem uma surpresa para mim, visto que nada mais representativo do que a confirmação de tudo o que eu previa e o Dr. José da Silva Figueiredo, num prefácio modelar, com abençoado espírito crítico e sincera admiração, com saber e talento nos revelou.

Esses livros escritos em 1927, quando a doença o tocara já — adoeceu em 1926 e teve, por isso, de interromper os seus estudos, — mostram que não existiam as hesitações dos primeiros versos que o autor me lera: que o Humberto da Silveira Fernandes cultiva o soneto — a forma predominante — com amoroso carinho, e que elle, ágora o poeta que eu fantasiára ao recebê-lo aqui no recolhido cantinho da minha casa.

O poeta alentejano que a morte havia de levar em 9 de Janeiro de 1928, appareceu nos atraentes volumes, com versos cheios de encanto e que posso conservar na memória destes nomes suggestivos: *Pobrezas, Saudade, Renuncia, Rei lavrador, Mirante, A lareira e Nostalgia*: a série formosa de sonetos que docu-

mentam de modo incontestável, a mais bella sensibilidade artistica e o mais perfeito conhecimento dos atractivos e graças da forma litteraria.

Pobre rapaz! Foi sei de pouco dura a luz do seu cibreiro fulgurante, pois que a morte bem cedo o levou consigo, dando-lhe a sorte de Ponso, Sardinha, Duro e Florbela: os grandes artistas que abalaram desta vida ao iniciarem o sonho grandioso da sua obra maravilhante.

O moço-poeta, depois de escritos os trabalhos admiráveis que referi, adoece e, confirmando a pressa que adivinhei nos seus olhos e ressaltava das suas palavras — não fosse escarpilha a glória que então ambicionava, — não tarda a ser vencido e a morrer, sem haver realizado o desejo expresso no volume que me offereceu do seu «Jardim em flor»: «coltar um sagrado cántico ás belezas da sua terra».

Meu triste e infeliz moço! Ao recordá-lo nesta hora, aqui, na mesma casa onde estere, vejo ser elle quem se não enganava na sua ansiedade doentia de realizar cedo a obra que o imortalisasse e desse glória á provincia em que nasceu e tanto amára. A minha esperanza na sua vida longa e no seu futuro risonho, era um fumo enganador. Silveira Fernandes tinha de abandonar em breve o caminho radioso que principiára, tinha de interromper não tarde a marcha accasional que o seu espirito brilhante iniciou.

Mas não se pense que a luz duma al-

ma assim, se apagou definitivamente, para sempre, sem que deixasse rasto algum. Não. A luz dessa alma dura ainda e conservar-se-há. Quem haja de recordar um dia o moço poeta, há-de lêr com satisfação algumas das suas páginas e, estou certo, encontrará n'elas motivos em excesso para amar e exultar o espirito superior que as produziu.

Cemo eu revivo o dia longínquo em que o estetei com attenção! Cemo eu o revivo! E a minha alma, distante ao tempo, presente na hora, conversa com a sua e pode dizer-lhe, com a sinceridade de então, estas palavras consoladoras de então, estas moço, camarada e meu irmão nas ansiedades, nas fantasias e nas delirioses, os poucos versos que deixaste, bastam, pelo perfume e beleza que exalam, a lembrar o teu nome á terra bendita que não pôde ouvir, alto e forte, o cántico sagrado que para ella desejava entoar».

E a sua alma, que me compreende, sorri para a minha, na esperanza, que tambem posso, de que os trabalhos formosos do poeta venham a ser lidos e apreciados um dia, com o amor de quem n'elles veja, como eu, os vãos dumas suas gloriosas, que tentados no ritmo ingénuo e simples do «Jardim em flor», se mostram altos e cheios de vigor na paragem brusca do «Mirante» que então, como agora, para a sua alma sempre viva:

É Terra! é Povo! é Firmamento...



Vislho de Dorcilio Gama